

Brasil proporá a latinos pagar débito sem

Bracher retorna sem acertar prorrogação

sacrifício

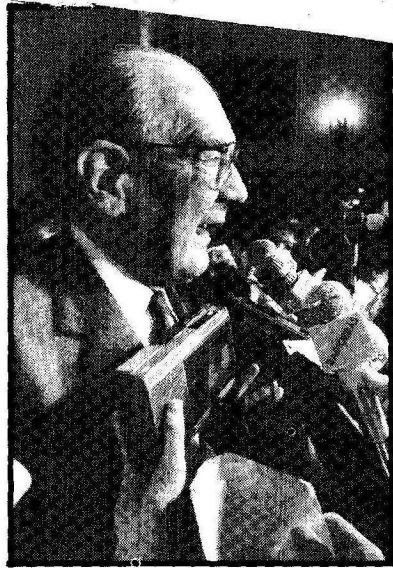
O Brasil defenderá, na reunião do Grupo de Cartagena, em Montevideu, a partir de segunda-feira, sua já conhecida posição de que a dívida externa não pode ser paga à custa de sacrifícios do povo, afirmou ontem o Ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, após reunir-se, no Hotel Glória, com o Presidente José Sarney e o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro para discutir o assunto.

Setúbal não quis detalhar a proposta brasileira, mas destacou que os três assuntos de maior interesse no encontro dos 11 devedores latino-americanos em Montevideu serão a renegociação da dívida externa, as taxas de juros e a queda dos preços das matérias-primas, especialmente o petróleo.

Segundo ele, outra questão considerada fundamental é o Plano Baker, que prevê empréstimos de US\$ 20 bilhões pelos bancos privados internacionais aos países endividados nos próximos três anos. O Chanceler comentou que é importante obter um consenso dos 11 países na adoção de qualquer medida, mas alegou pressa e não respondeu a uma pergunta sobre a formação de um bloco de devedores para exigir dos credores melhores condições para pagamento da dívida externa.

Setúbal falou pouco sobre café da manhã com Sarney e Funaro, explicando que o encontro era para ter sido sigiloso. Disse apenas que o Governo considera importante a nova reunião do Grupo de Cartagena por ser a primeira de que a Nova República participa.

O Ministro retornou ontem cedo de viagem de 12 dias ao exterior. Ele foi à Co-



Setúbal explica a posição brasileira

lômbia participar da reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA), à Venezuela para encontro do Sistema Econômico Latino-Americano (Sela), à União Soviética e à Alemanha Ocidental. Para Setúbal a parte mais importante da viagem foi sua visita oficial a Moscou.

A visita à União Soviética é a demonstração inequívoca de que a Nova República tem uma política externa universalista e independente.

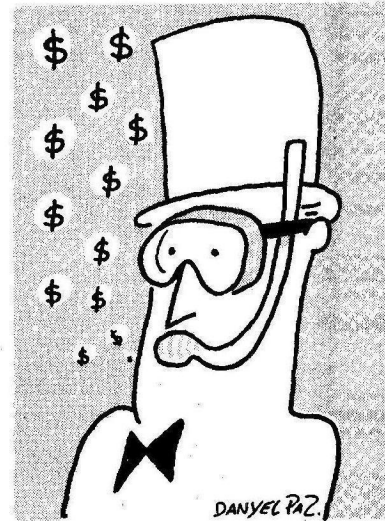
RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, retornou ontem à noite ao Brasil sem resolver o problema da prorrogação das linhas de crédito interbancário e comercial que vencem a 17 de janeiro. Vários bancos — principalmente pequenos e médios — se recusam a renovar estes empréstimos, alegando que o Brasil ainda não se comprometeu a pagar toda a dívida de US\$ 455 milhões dos bancos Comind, Auxiliar e Maisonnave, contraída através da Resolução 63 (repasse de crédito externos a empresas brasileiras).

— Vamos pagar 25 por cento da Operação 63 na segunda-feira e o resto deveremos pagar de acordo com a massa falida. Foi um encontro harmonioso em que eles estudaram as nossas propostas e nós expusemos a situação do País. A reação foi positiva — disse Bracher após reunir-se com o Comitê de Assessoramento da Dívida Externa brasileira — formado por representantes dos 14 principais bancos credores.

Já o Coordenador do Comitê, William Rhodes, deixou o prédio do Citicorp preocupado:

— A 63 é um obstáculo. Começamos as negociações e vamos ver se podemos continuar e chegar a um acordo. Por enquan-



to, está começando e há obstáculos. Não posso dizer que a situação é positiva. Estas coisas demoram e vamos ver o que o próximo encontro nos reserva.

A próxima reunião será realizada na quarta-feira que vem, quando o Diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, volta a Nova York para discutir com os banqueiros a prorrogação do crédito comercial e interbancário.

A hipótese de um acordo que permitisse ao Brasil continuar pagando apenas os juros da dívida nos próximos cinco anos, rolando o principal, está dando lugar agora a uma prorrogação dessas condições por apenas um ano. O problema das taxas de risco (spread) dos empréstimos externos também não foi conversado detalhadamente.

● O Ministro do Planejamento, João Sayad, no segundo dia de sua visita aos Estados Unidos, fez ontem uma palestra no Conselho das Américas, a que compareceram muitos banqueiros e empresários americanos. Sayad defendeu a redução dos juros, para que o Brasil faça menos sacrifícios na hora de quitar seus débitos. O principal objetivo da viagem do Ministro serão as conversações da próxima semana em Washington, com o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento para a obtenção de novos recursos

● O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) anunciou ontem uma emissão de US\$ 200 milhões em letras de câmbio, com prazo de dez anos (o vencimento será a 23 de dezembro de 1995) e juros de 9,875 por cento. Os títulos serão colocados no mercado do eurodólar por um consórcio de bancos liderado pelo Morgan Guaranty, Deutsche Bank Capital Markets Ltd e Crédit Suisse First London Ltd. Os recursos da emissão serão destinados a empréstimos aos países latino-americanos.